

RESILIÊNCIA PARA A PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: MECANISMOS CONSTRUÍDOS PELOS ESTUDANTES POBRES*

Marcia Kelma de Alencar Abreu¹

Maria Aparecida Alves Sobreira Carvalho²

Orientadora do Trabalho: Verônica Moraes Ximenes³

RESUMO

O presente artigo objetiva compreender como os comportamentos resilientes individuais e coletivos se constituem como mecanismos de enfrentamento das adversidades impostas pelas implicações psicossociais da pobreza em estudantes do ensino superior público cearense. Retratamos resiliência enquanto enfrentamento às adversidades encontradas no meio acadêmico para a permanência dos estudantes pobres, propulsora da resignificação das situações estressoras, porém em uma atitude ativa e participativa diante da vida, na qual o sujeito atua na reconstrução de si e do seu entorno, cujos condicionantes serão evidenciados. A pesquisa possui abordagem qualitativa e os sujeitos da investigação foram oito estudantes pobres do Ensino Superior Público de duas universidades cearenses, com idades entre 18 e 31 anos. A entrevista semiestruturada foi o instrumento utilizado com a análise de conteúdo para interpretação, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFC. Compreendemos que os mecanismos de resiliência ocorrem nas dimensões individual e coletiva, fortalecendo os estudantes pobres e cotistas na busca da identificação e apropriação do meio acadêmico elitista. O estudo revela a importância de compreender as necessidades do público estudantil, os fatores que auxiliam na superação das dificuldades encontradas. No entanto, ele precisa estar atrelado à luta por condições mais justas e igualitárias para todos que ingressam no Ensino Superior público, em especial para os estudantes pobres.

Palavras-chave: Resiliência, Pobreza, Estudantes Universitários, Ensino superior.

INTRODUÇÃO

A entrada de estudantes pobres deflagra uma série de desafios para a permanência, o que outorga a necessidade de se estudar os mecanismos de enfrentamento vivenciados por estes para sobreviverem em um meio acadêmico muitas vezes desafiador. Esta temática se torna relevante a partir das políticas de democratização no Ensino Superior que teve sua culminância com a Lei de Cotas (BRASIL, 2012), que possibilitou a reserva da metade das vagas das instituições federais de ensino para os candidatos egressos de escola pública, garantida a proporção de raça e etnia, de acordo com a distribuição étnica de cada estado, assim como a

* Este trabalho é um dos estudos qualitativos derivados da tese de doutorado “Implicações psicossociais da pobreza na permanência de estudantes de Universidades Públicas do Ceará”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

¹ Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC, kelmabreu@yahoo.com.br

² Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC, apsobreira1@hotmail.com

³ Professor orientador: Professora da Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará - UFC, yemorais@yahoo.com.br

metade dessas vagas para cotistas com critério de renda familiar abaixo de 1,5 salários mínimos por membro do grupo familiar. Esta medida impulsionou também as universidades estaduais em todo o Brasil.

A pobreza é aqui compreendida como produto das relações opressoras decorrentes da sociedade capitalista (YAZBEK, 2012) e analisada a partir de sua multidimensionalidade (SEN, 2000), o que inclui não apenas os aspectos de renda, mas também habitação, moradia, saúde, educação, incluindo o acesso a bens e serviços, sobretudo, os aspectos subjetivos e ideológicos (XIMENES *et al*, 2014). Nesta perspectiva, o enfrentamento pode ser compreendido como a construção de comportamentos individuais ou coletivos que auxiliam na superação das limitações impostas pela condição de pobreza.

Destarte, o presente artigo objetiva compreender como os comportamentos resilientes individuais e coletivos se constituem como mecanismos de enfrentamento das adversidades impostas pelas implicações psicossociais da pobreza em universitários do ensino superior público cearense.

Portanto, diante do impacto subjetivo no fortalecimento pessoal advindo do enfrentamento das adversidades de ser um estudante pobre, destacamos o construto resiliência como relevante para a compreensão dos aspectos psicossociais da sua permanência no meio acadêmico. A permanência (SANTOS, 2009) é considerada tanto em sua dimensão objetiva, o que implica nas necessidades materiais de sobrevivência e estudo, quanto na dimensão subjetiva, relacionada aos aspectos pedagógicos, psicossociais e culturais.

Este estudo foi realizado em duas universidades públicas cearenses e possui abordagem qualitativa. Os resultados indicam que os alunos constroem relevantes estratégias de resiliência na busca da superação dos desafios da permanência, em todas as suas dimensões. Por fim, compreendemos que o meio acadêmico adverso também é potencializador de criação de dispositivos de sobrevivência material, pedagógica e cultural, favorecendo o desenvolvimento da resiliência.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada tem abordagem qualitativa (MINAYO, 2002), pois trabalha com significados, valores, comportamentos compreendidos em contextos complexos e processuais, o que considera a relevância das determinações e atuações dos sujeitos no processo social.

Os sujeitos da investigação são 8 estudantes pobres do Ensino Superior Público Cearense, sendo 04 cotistas da UFC (Universidade Federal do Ceará) dos *campi* Fortaleza,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

capital do Estado, selecionados pelo critério de cotas sociais, e 04 estudantes pobres da URCA (Universidade Estadual do Cariri) dos *campi* situados no Cariri cearense, região sul do Estado, selecionados pelo critério de Renda Familiar, já que a época da coleta de dados a política de cotas não havia sido implementada ainda. A amostra é composta por 5 estudantes do sexo feminino e 3 do sexo masculino, com idades que variam de 18 a 31 anos, sendo que sete deles têm até 23, sendo considerados jovens. Os cursos participantes na UFC foram: Medicina, Engenharia da Computação, Psicologia e Administração. Na URCA foram: Enfermagem, Direito, Engenharia de Produção e Pedagogia.

A UFC caracteriza-se como uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação, fundada em 1954, é sediada em Fortaleza e composta por sete *campi*, nos quais tem praticamente todas as áreas do conhecimento. A URCA constitui-se como universidade estadual de referência na formação superior da região do Cariri-CE, sendo articuladora entre o ensino superior o desenvolvimento regional, com destacado pioneirismo na interiorização do ensino superior. As duas Universidades foram selecionadas por nos possibilitarem um panorama de abrangência do sistema de ensino superior público cearense na capital e no interior, na esfera federal e na estadual.

A entrevista foi o instrumento utilizado na etapa qualitativa, a fim de aprofundar a compreensão do fenômeno estudado. Para tanto, foi utilizada na modalidade semiestruturada (LUDKE; ANDRÉ, 2013), já que o roteiro que guia os pontos a serem discutidos possibilitam otimizar a qualidade da construção das informações obtidas. Utilizamos a análise de conteúdo (BARDIN, 2010) como técnica de análise das informações obtidas pelos sujeitos investigados a partir das entrevistas. O *software Atlas ti 5.2* (BAUER; GASKELL, 2002) foi utilizado para auxílio na codificação e visualização das informações, possibilitando a construção das categorias da análise. No presente estudo, as categorias analisadas foram Resiliência, Dimensão Material da Permanência, Dimensão Simbólica da Permanência, Estratégias específicas de permanência no Ensino Superior.

Quanto aos aspectos éticos, os sujeitos foram previamente orientados sobre os objetivos, o sigilo e a voluntariedade da investigação, critérios descritos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a leitura, esclarecimento das dúvidas e assinatura do TCLE, foi iniciada a aplicação dos instrumentos de acordo com os princípios e diretrizes da Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. O projeto de tese foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFC, com a aprovação do CAEE: 80921517.3.0000.5054, em dezembro de 2017.

DESENVOLVIMENTO

Brandão (2009) aponta as imprecisões do conceito de resiliência, o que deve levar o pesquisador a situar a abordagem teórica de sua escolha, os construtos que a sustentam e que se relacionam ao conceito, já que essa decisão interferirá nas abordagens metodológicas e formas de intervenção. Para Taboada, Legal e Machado (2006), a explicitação desses conceitos é necessária para a precisão da definição de resiliência, o que permite o delineamento das pesquisas.

Brandão, Mahfoud e Gianordoli-Nascimento (2011) ao realizarem uma revisão dos estudos sobre resiliência na Psicologia, concluem que foram constituídas duas principais vertentes, aqui sucintamente apresentadas. Os pesquisadores anglo-saxões atribuem resiliência à resistência ao estresse, relacionados à concepção de adaptação e ajustamento social, a partir dos estudos sobre invulnerabilidade. Já os pesquisadores de língua latina e os brasileiros estudam resiliência para além da perspectiva de resistência ao estresse, ao incluir as questões que envolvem superação e recuperação. Ademais, a corrente latino-americana é mais comunitária do que a anglo-saxã, focando no contexto social como resposta às adversidades.

Vários autores analisados como Raymundo e Leão (2014); Taboada, Legal e Machado (2006); Angst (2009) afirmam que o conceito de resiliência foi derivado da Física e Engenharia. reitera que:

“[...] é possível se fazer uma analogia ao termo utilizado pela física e pela psicologia: a relação tensão/ pressão com deformação não-permanente do material corresponderia à situação que ocorre entre uma situação de risco/ estresse/ experiências adversas/ respostas finais de adaptação. [...]” (ANGST, 2009, p.254)

No entanto, Brandão (2009) adverte que apenas o grupo de pesquisadores não anglo-saxão buscou subsídios teóricos nessas concepções, o que gerou como consequência a adoção das ideias de superação e concepção, já que o conceito na física remete ao retorno dos materiais ao estado original, aproximando-nos da noção de recuperação. Portanto, o objetivo dos pesquisadores que trabalham com resiliência como resistência ao estresse é maximizar os fatores de proteção e minimizar os de risco, consequentemente, potencializar pessoas bem adaptadas e competentes para lidar com adversidades. Já os objetivos baseados na superação e recuperação seriam direcionados aos grupos mais fragilizados, buscando o fortalecimento e recuperação.

Nesse sentido, para Angst (2009), vertentes atuais da Psicologia, como a Psicologia Positiva e a Psicologia Social, tendem a focar nos aspectos saudáveis dos indivíduos em situações adversas, maximizando os fatores de proteção, enfatizando qualidades e

potencialidades. Na perspectiva da psicologia positiva, Dell'Aglio, Koller e Yunes (2006) definem resiliência como: “[...] possibilidade de adaptação positiva em contextos de adversidade e de riscos significativos e, neste sentido, contribui para a compreensão das forças humanas. [...]” (DELL'AGLIO; KOLLER; YUNES, 2006, p. 137).

Ademais, Taboada, Legal e Machado (2006) asseveram que há alguns fatores associados ao conceito de resiliência que precisam ser explicitados para melhor compreensão do conceito, tais como: fatores de proteção, fatores de risco, autoeficácia e *coping*. Em concordância, Angst (2009) também justifica a importância de se estudar esses conceitos como fatores constituintes, com vistas a trabalhar estratégias diferenciadas para a promoção da resiliência. Para ela, os fatores de proteção estariam relacionados ao aumento de fatores que influenciam respostas adaptativas diante de adversidades, já os de risco aumentariam a desadaptação. A autoeficácia é a crença nas próprias habilidades individuais em lidar com os recursos, com foco no futuro. Já o *coping* é o conjunto de estratégias que a pessoa pode usar, visando a adaptação.

Baseada nesses constructos, a autora compreende a resiliência como um processo dinâmico, relacionado às variáveis na interação do sujeito com o seu ambiente social, um mecanismo de enfrentamento de adversidades que não é adquirido, mas sim aprendido. Assim, para Brandão (2009), é necessário situar a concepção de resiliência como inata ou adquirida, traço de personalidade ou processo em construção, com objetivos de resistência ao estresse ou recuperação e superação, adaptação ou fortalecimento pessoal.

Concordamos com a concepção de que a resiliência é um fenômeno a ser mediado pela aprendizagem. Compreendemos a aprendizagem como um processo através do qual os sujeitos se apropriam da realidade, com vistas a transformá-la. Portanto, o conceito de resiliência supera a dimensão da adaptação, incluindo a transformação do meio adverso. Nossa compreensão aproxima o conceito de resiliência de fortalecimento, relacionado à uma estratégia de enfrentamento da pobreza, compreendido por Montero (2004), na perspectiva da Psicologia Comunitária, como o processo pelo qual sujeitos e grupos comunitários desenvolvem recursos e habilidades para enfrentar condições opressoras do cotidiano, transformando a sua realidade concreta e a si mesmos através de uma atuação coletiva, comprometida, crítica e consciente.

Nesse sentido, a concepção de resiliência a ser adotada nesse estudo a compreende como um processo dinâmico, produzido na relação dialética entre os sujeitos e seus múltiplos condicionantes sociais, podendo ser construída através das relações instrumentais e comunicativas (VIGOTSKI, 1996; 2001), através dos mecanismos de aprendizagem social.

Durante o processo de participação ativa na busca de superação das condições adversas e opressoras do viver (FREIRE, 1987), o sujeito cria e recria o seu entorno social e a si mesmo,

através da práxis, constante ação e reflexão do homem sobre a realidade. Na tentativa de superação das relações opressoras, a perspectiva de resiliência pode ser direcionada às classes e grupos sub representados.

Assim, adquire uma dimensão não só individual, mas também coletiva. Noronha *et al* (2007) afirmam que nas ciências humanas o conceito de resiliência inclui dimensões mais amplas, como as condições sociais e situam a pobreza e a exclusão social como adversidades crônicas que barram as potencialidades dos sujeitos pobres. Os autores advertem para o risco de se atribuir ao sujeito a responsabilidade individual dos seus problemas, negando o papel do Estado e sua relevância em uma sociedade como a nossa, constituída em amplas desigualdades sociais.

Munist *et al* (1998) afirmam que no continente latino americano há a pendência de se estudar aspectos de combate à pobreza e a opressão, portanto devemos dirigir esforços para compreender aspectos que atuam a nível individual, familiar e comunitário para a superação das adversidades, evidenciando as forças que surgem nas vulnerabilidades. Nessa mesma perspectiva, Martin-Baró (2011) reflete sobre o imperativo de fomentar o protagonismo dos povos latino-americanos. Em concordância, Rooke (2015) assevera que a pobreza, a miséria e a privação socioeconômica são importantes fatores de risco na vida das pessoas e também potencializadores da resiliência, que consiste no processo de construir estratégias para superação das adversidades consequentes dessa condição.

Contudo, ao partirmos da concepção de resiliência como superação, adotando a perspectiva dos pesquisadores latino-americanos, podemos situar os estudantes de Ensino Superior que vivenciam contextos de pobreza. Retrataremos resiliência enquanto enfrentamento às adversidades encontradas no meio acadêmico para a permanência dos estudantes pobres, propulsora da resignificação das situações estressoras, porém em uma atitude ativa e participativa diante da vida, na qual o sujeito atua na reconstrução de si e do seu entorno, cujos condicionantes serão evidenciados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A concepção de resiliência adotada nessa investigação, voltada ao contexto acadêmico, se aproxima da definição de Kotliarenco (2002), consiste na capacidade de recuperação, sobreposição e adaptação exitosa diante das situações adversas, assim como refere-se à possibilidade de desenvolver competências sociais e acadêmicas, apesar de estar exposto a acontecimentos adversos.

A especificidade da condição de pobreza leva os alunos a desenvolverem estratégias materiais de permanência (CAVALCANTE, 2014):

[...] No ano passado, eu consegui me manter assim, no quesito de algumas atividades extracurriculares e livros, eu tinha um dinheiro do estágio do ensino médio, gastei todo, guardei todo, aí consegui me manter com ele durante o ano passado. Nesse ano eu consegui vender um notebook que ganhei no programa do governo do ensino médio, só que já acabou, porque era menos dinheiro. (João, ENG.UFC)

Podemos observar que João (ENG.UFC) precisou desenvolver estratégia de sobrevivência material no Ensino Superior, para o qual ele se organizou desde o Ensino Médio, já que sabia que sua família não teria condições de mantê-lo ao ingressar na Universidade.

Ademais, a necessidade de trabalhar para se manter no Ensino Superior também outorga o desenvolvimento de comportamentos resilientes para controle do tempo. A saga do aluno trabalhador (ZAGO, 2006; ALMEIDA, 2007) é expressa no caso de Cícera (PED.URCA), na qual tem que conciliar trabalho e estudo para conseguir manter um bom rendimento acadêmico:

É, eu tenho que conciliar porque trabalho em Barbalha, eu saio do emprego cinco horas da tarde, pego o ônibus, aí vou para o Juazeiro, aí pego o ônibus do Juazeiro e vou pra URCA, aí quando chego em casa, chego em casa geralmente dez da noite, aí estudo mais umas meia hora, às vezes até às uma hora eu fico acordada, mas eu opto por dormir pra descansar pra outro dia trabalhar e exercer minha função e estudar. Geralmente, o meu horário de meio dia eu reservo pra estudar, eu não saio da sala, eu fico na sala e vou estudando pra alguma prova, fico fazendo alguma pesquisa [...] mas ao meu cansaço físico, às vezes que me desestimula, embora eu não falte às aulas, mesmo cansada, eu estou sempre cedo. (Cícera, PED.URCA)

Carol (ENF.URCA), embora não seja trabalhadora, possui uma bolsa remunerada condicionada a um trabalho, necessária à sua sobrevivência material, que por não estar ligado às suas atividades acadêmicas de Enfermagem, impõe também dilemas de falta de tempo para o estudo:

[...] realmente é bem cansativo! Tem que se dedicar muito porque eu estudo em dois turnos, aí eu faço essa carga horária de quatro horas à noite e aí nesse, no período em que eu não estou estudando e nem estou na bolsa, nos intervalos, eu aproveito pra estudar e no fim de semana, ou de madrugada, quando está mais próximo das provas. Tem que otimizar o tempo pra conseguir estudar, é um pouco puxado! (Carol, ENF.URCA)

Lamers, Santos e Toassi (2017) relatam algumas estratégias resilientes para manutenção de um bom rendimento entre os estudantes trabalhadores, o que traz vários consequentes à sua formação, necessitando desenvolver mecanismos para permanecerem com qualidade e sucesso acadêmico. As entrevistadas acabam por sacrificar horários de descanso, como horário do almoço, sono e finais de semana para dar conta dos estudos.

Já no caso de um estudante bolsista como Francisco (ENG.URCA), o seu local de estágio possibilita a otimização dos recursos materiais e ambientais para conciliar tempo e

estudar. A falta de um bom ambiente de estudo, com equipamentos e condições necessárias muitas vezes constitui um grande desafio para o estudante pobre.

[...] E, como também [no local em que desenvolve o estágio supervisionado da bolsa] [...] tem muito tempo livre também pra gente estudar e serve até como um ... é melhor pra gente estudar lá porque tem computadores, internet, o lugar também é climatizado, então, de certa forma, é até bom. (Francisco, ENG.URCA)

Desta forma, Francisco (ENG.URCA) ilustra a resiliência na superação de algumas importantes implicações psicossociais da pobreza: não possuir um bom ambiente de estudo, tentar recuperar a defasagem do Ensino Médio através do aproveitamento das aulas de monitoria, conciliar o tempo gasto com a bolsa de assistência estudantil e os estudos. Nesse sentido, encontramos atitudes resilientes individuais nos sujeitos entrevistados quanto ao desenvolvimento de competências acadêmicas e estratégias de aprendizagem, dimensão pedagógica da permanência, que estão diretamente relacionadas aos cursos em que a defasagem na educação básica é mais sentida pelos estudantes pobres:

Mas eu já aprendi a poder aproveitar o traslado e por isso não torna tão pesado, tão grande. [...] sobre as notas ... eu consigo absorver mais quando estou estudando em casa sozinho [...] o que eu já consegui testar é... eu vi que realmente dava certo é eu estudar também lendo livros. (João, ENG.UFC)

Observamos comportamentos resilientes na experiência João (ENG.UFC) ao buscar otimizar o tempo do longo traslado até a universidade, já que a distância entre a moradia e o local de estudo é um grande desafio para os alunos que moram em cidades próximas a cidade em que estuda. João (ENG.UFC) mora na Região Metropolitana de Fortaleza e estuda na UFC Fortaleza, portanto não têm acesso aos benefícios assistenciais de moradia. Outras estratégias pedagógicas relatadas por ele são referentes aos métodos de estudo que experimenta na tentativa de otimizar o seu desempenho.

No entanto, os comportamentos resilientes para enfrentar os desafios pedagógicos não estão restritos às estratégias individuais. No caso de Maria (MED.UFC), os estudantes criam mecanismos de solidariedade:

[...] geralmente o pessoal faz resumo, repassa pros outros, repassa prova, se ajuda bastante. (Maria, MED.UFC)

Estas redes de solidariedade ajudam a superar não somente os desafios da dimensão pedagógica, como também da socialização e cooperação material entre os estudantes e demais

atores sociais da universidade, o que auxilia nos mecanismos de adaptação e inserção no ambiente acadêmico.

É... então, eu fiz muita amizade dentro do campus, apoio emocional também, por tá longe dos pais, né, tem o pessoal que sempre dá conselho, né, e as amigas também. (Carol, ENF.URCA).

Eu tenho uma grande rede de apoio aqui na universidade, que se resume aos meus amigos, professores próximos e o meu núcleo, o núcleo que eu faço parte. Então eu recebo um apoio muito grande, tanto financeiro, como afetivo. (Vitória, PSI.UFC)

A estratégia de cooperação é bem ilustrada nas vivências dos estudantes da pesquisa, na qual estes se apoiam material, pedagógica e afetivamente. Este mecanismo está muito relacionado à polarização, no qual os universitários pobres e cotistas se separam dos demais, não pobres e não cotistas para se fortalecer e apoiar (SANTOS, 2009), o que caracteriza comportamentos coletivos resilientes.

Já na turma de Pedro (ADM.UFC), os estudantes que se identificam como cotistas, buscam se esforçar ao máximo para ter um bom desempenho (SANTOS, 2013), sendo este considerado como importante demarcador para a permanência, valorizando a oportunidade do ingresso, mais difícil ainda para os egressos de escola pública.

[...] pelo menos na minha sala, eu vejo que as pessoas que se reivindicam mesmo como cotistas elas, é, como é que eu posso dizer? Elas realmente se esforçam pra tá ali, entendeu? Porque a gente que é de escola pública, a gente sabe que é realmente difícil tá aqui. Então, quando você entra aqui, você quer se manter mesmo, sabe? (Pedro, ADM.UFC)

Essa estratégia coletiva de permanência é chamada de asserção (CAVALCANTE, 2014) que consiste no autorreconhecimento dos cotistas como sujeitos de direitos, o que os fortalece na conquista do seu espaço na Universidade. Consiste em uma estratégia coletiva, já que parte da identificação do sujeito com o grupo. Ao contextualizar os desafios enfrentados para se reconhecerem e afirmarem em um meio acadêmico, cujos códigos culturais e simbólicos (BOURDIEU, 2007) não valorizam o este novo público de estudante, historicamente excluído da cultura acadêmica elitista, consideramos o forte potencial de resiliência coletiva que há no desenvolvimento das habilidades decorrentes da autoafirmação do estudante como cotista.

Verificamos que as várias condições impostas pela pobreza nos sujeitos entrevistados podem trazer importantes implicações que os outorgam o desenvolvimento de habilidades resilientes na busca da superação dessas adversidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que os mecanismos de resiliência ocorrem nas dimensões individual e coletiva, fortalecem os estudantes pobres e cotistas na busca da identificação e apropriação do meio acadêmico elitista. Suazo (2010) descreve a potencialidade da investigação sobre resiliência nos estudantes do ensino superior, ao verificar que os estudantes de maior rendimento possuem maior índice de resiliência. Assim, afirma a importância da incorporação dessa temática no processo ensino-aprendizagem para o crescimento pessoal e institucional das universidades.

Assim, os estudantes desenvolvem comportamentos resilientes para superarem as barreiras materiais, pedagógicas e culturais que dificultam a sua integração ao meio acadêmico. O estudo da resiliência no Ensino Superior revela a importância de compreender as necessidades do público estudantil, os fatores que auxiliam na superação das dificuldades encontradas.

No entanto, ele precisa estar atrelado à luta por condições mais justas e igualitárias para todos que ingressam no Ensino Superior público, em especial para os estudantes universitários pobres, alvo desta pesquisa. As políticas de Assistência Estudantil, a promoção de uma cultura acadêmica menos elitista, mais aberta à diversidade cultural e étnica, o debate sobre os estigmas, os preconceitos e a discriminação devem caminhar junto às investigações sobre os comportamentos resilientes individuais e coletivos no meio universitário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. **Cad. CRH**, Salvador, v. 20, n. 49, p.35-46, Jan./Abr. 2007 <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792007000100004>. Acesso em: 10 Jun. 2017.

ANGST, Rosana. Psicologia e resiliência: Uma revisão de literatura. **Psicologia Argumento**, [S. l], v. 27, n. 58, p. 253-260, nov. 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20225/19509>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das Trocas Simbólicas: Introdução, Seleção e Organização**: Sérgio Micele. Perspectiva: São Paulo, 2007.

BRANDÃO, Juliana Mendanha; MAHFOUD, Miguel; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 21, n. 49, p. 263-271, Ago 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200014>. Acesso em: 11 Jun 2017.

BRANDÃO, Juliana Mendanha. **Resiliência: de que se trata?** o conceito e suas imprecisões. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Orientador: Miguel Mahfoud.

BRASIL. **Lei nº. 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm. Acesso em: 01 abr 2016.

CAVALCANTE, Cláudia Valente. **Educação superior, política de cotas e jovens:** das estratégias de acesso às perspectivas de futuro. 215 f. Tese (Doutorado em educação). PUC Goiás, Goiânia, 2014. Orientador: Prof. Dr. José Maria Baldino.

DELL'AGLIO, D.D.; KOLLER, S. H.; YUNES, M. A. M. **Resiliência e psicologia positiva:** interfaces do risco à proteção. São Paulo, SP: Casa do psicólogo, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

KOTLIARENCO, M. **Desarrollo Integral:** Algunas consideraciones sobre el Desarrollo cerebral. 2009. Disponível em: www.resiliencia.cl/dinteg/. Acesso em: 01.mar.2018.

LAMERS, Juliana Maciel de Souza; SANTOS, Bettina Steren dos; TOASSI, Ramona Fernanda Ceriotti. Retenção e evasão no ensino superior público: estudo de caso em um curso noturno de odontologia. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 33, e154730, 2017. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698154730>. Acesso em 28 jul. 2017.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. 2ª ed. São Paulo: EPU, 2013.

MARTÍN-BARO, Ignacio. Desafios e perspectivas da Psicologia Latino-Americana. In R. GUZZO; F. LACERDA JR. (Orgs.), **Psicologia Social para a América Latina:** o resgate da Psicologia da Libertação. Campinas – SP: Editora Alínea, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTERO, Maritza. El fortalecimiento en la comunidad, sus dificultades y alcances **Psychosocial Intervention**, vol. 13, núm. 1, 5-19, 2004. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=179817825001>. Acesso em: 10.abr.2017.

MUNIST, M. *et al.* Manual de identificación y promoción de la resiliencia. Organización Panamericana de la Salud (OPS). Organización Mundial de la Salud (OMS). Fundación Kellogg. Autoridad Sueca para el Desarrollo Internacional (ASDI). Santiago, 1998.

ROOKE, Mayse Itagiba. Aspectos conceituais e metodológicos da resiliência psicológica: uma análise da produção científica brasileira. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 671-687, jul. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 31 jul. 2017.

SANTOS, C. Jaqueline. **Acesso e permanência no curso de pedagogia da universidade federal da Bahia:** um estudo sobre as estratégias dos estudantes oriundos das escolas públicas. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Orientadora: Profa. Dra. Rosilda Arruda Ferreira.

SANTOS, Dyane Brito Reis. **Para além das cotas:** a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa. 215f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2009. Orientador: Robinson Moreira Tenório.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade.** Companhia das Letras: São Paulo, 2000.

SUAZO, Lorenzo Pulgar. **Factores de resiliencia presentes en estudiantes de la Universidad del Bío Bío, sede Chillán.** 122f. Tesis (Magister en Familia con Mención en Mediación Familiar). Universidade del Bio Bio, Chillán, 2010. Profesor guía: Fernando Farías Olavarría.

TABOADA, Nina G.; LEGAL, Eduardo J.; MACHADO, Nivaldo. Resiliência: em busca de um conceito. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 104-113, dez. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 abr. 2018.

VIGOSTKI, L.S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIGOSTKI, L.S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

XIMENES, Verônica Moraes, *et al.* Pesquisa e intervenção a partir da realidade social – Desvelar das implicações psicossociais da pobreza. In: STELLA, C. (Org.) **Psicologia Comunitária:** contribuições teóricas, encontros e experiências. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

YAZBEK, M.C. (2012) Pobreza no Brasil contemporâneo e formas de seu enfrentamento. **Serviço Social e Sociedade**, 110, 288-322. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-66282012000200005>. Acesso em: 01.02.2017.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Periódico Revista Brasileira de Educação**, v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.